a dimensão do Outro na angústia

DELMA Mª FONSECA GONÇALVES

introdução

O OBJETO *A*, que Lacan chamou de sua invenção, é a meta de *O seminário – livro 10*, e ele considera que se deve abordá-lo por meio da angústia, porque a angústia situa esse objeto. Ao mesmo tempo, indica que o caminho, a direção para trabalhar a angústia deve estar relacionada à dimensão do Outro. Desde a primeira lição desse seminário, e especialmente na lição cinco, ele recomenda não seguir um caminho objetivo se quisermos situá-la, pois no caminho objetivo nós só faríamos facilmente nos perder.

Sabemos que a criança é chamada à subjetividade pelo significante que está primeiro no campo do Outro, em que ela vai se inscrever ao preço de uma perda irredutível, um resto excluído de uma nomeação, dos limites da linguagem e das normas que ordenam os sujeitos na cultura.

Isso é a causa de falarmos de dois campos heterogêneos e irreconciliáveis no *falasser* e, conseqüentemente, do sujeito dividido, fundamento da subjetividade.

O referencial da psicologia, da filosofia e da ciência está justamente enraizado no desconhecimento disso que nos constitui, assentando suas verdades e asserções objetivas sobre o êxito de uma operação que nega a alienação ao campo do Outro e a exclusão do objeto *a*, que, como sabemos, é externo a toda definição possível de objetividade.

Essa introdução serve para situar o referencial da abordagem da angústia para a psicanálise, que é a presença desse impossível lógico, o objeto *a*, e, a partir daí, trabalhar a clínica desse objeto, localizando sua presença na dimensão do Outro.

Na demanda, no gozo e no desejo do Outro, esse resto excluído, perdido, extraído e heterogêneo ao simbólico pode comparecer, provocando estranheza e angústia. Pode-se também localizar no fenômeno do estranho, como trabalhado por Freud, a própria invasão desse mais íntimo que se perdeu e que retorna, causando angústia.

a demanda do Outro

Uma das condições do aparecimento da angústia é que o sujeito esteja sob o efeito de uma demanda.

A demanda do Outro que antecede a existência do sujeito, marcando, mortificando e/ou vivificando o corpo da criança, paciente da experiência, do fantasma e dos significantes do outro na tradução da necessidade. O Outro faz demanda à função e de tal maneira que a modifica, desnaturaliza, retirando-a de qualquer possibilidade de a tomarmos como instinto ou necessidade e sim como pulsão ($S \lozenge D$).

A demanda, então, é o que da necessidade se expressa em significantes, deixando sempre um resto que não é significantizado, nomeado ou escrito, onde se localiza o desejo.

Mas em que ponto a demanda é produtora de angústia?

Em *O seminário – livro 10*, Lacan pontua "que a angústia não é sinal de uma falta mas [...] do defeito desse apoio da falta [...], não é a nostalgia do que se chama o seio materno que engendra a angústia, é sua iminência"[1].

[1] Lacan. *O seminário: a angústia (1962-1963)* (Inédito: aula quatro).

O que provoca a angústia

> não é o ritmo nem a alternância da presença/ausência da mãe, e o que prova é que esse jogo presença/ausência a criança se compraz em renová-lo [...] o que há de mais angustiante para a criança é que justamente essa relação sobre a qual ela se institui pela falta que a faz desejo, essa relação é mais perturbada, quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo em cima, e especialmente a lhe limpar o cu, modelo da demanda que não poderia falhar.[2]

[2] *Ibid.*

A angústia relativa à demanda é quando a falta vem a faltar. Se de repente vier a faltar toda a norma, quer dizer, o que faz a FALTA, já que a norma é correlativa à idéia de falta, se de repente não falta, é nesse momento que começa a angústia.

No capítulo 28 de *O seminário – livro 5*, Lacan vincula o supereu, não o supereu pós-edipiano freudiano, mas o supereu da primeira infância, feroz, ao Outro primordial da demanda:

> O supereu materno, arcaico, aquele a que estão ligados os efeitos do supereu primordial de que fala M. Klein, está ligado ao Outro primário como suporte das primeiras demandas emergentes – eu quase dizia inocentes – do sujeito, no nível das primeiras articulações balbuciantes de sua necessidade, e daquelas primeiras frustrações.[3]

[3] Lacan. *O seminário – livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)* (1999, p.512).

Na clínica vamos encontrar o obsessivo em seu aspecto mortífero de exigência, em que a demanda, que como dissemos é articulada com significantes, pode ser tão intensa a ponto de

se tornar um objeto, quer dizer, em ocasiões de angústia pode se converter em objeto. Quando se exige com uma intensidade mortífera, não se discute mais. O auge da demanda é quando nem se discute mais. Podemos dizer que, no momento em que a demanda assume a forma de exigência ou dá um ultimato, não há mais lugar para a interpretação do desejo. A ênfase posta na demanda mata tanto o desejo do sujeito quanto o do Outro. Essa é uma especialidade do obsessivo, que exige não falhar no momento da exigência.

o gozo do Outro

O ponto seguinte em que a dimensão do Outro é dominante é o gozo do Outro. Quando Lacan aborda o gozo como causa de angústia, o faz por meio do pesadelo: "A angústia do pesadelo é experimentada como aquela do gozo do Outro". E ele nos remete ao mito dos demônios masculino e feminino, o íncubo e o súcubo, que vêm abusar do sujeito durante o sono.[4]

"Esse ser que pesa com todo seu peso sobre o peito de vocês, que os esmaga sobre seu gozo"[5]. E esmaga de tal forma que os mecanismos do sonho, determinados pelo desejo, congelam-se em um impasse de angústia, contra o qual só resta ao sujeito despertar. O pesadelo não está no mesmo lugar que encontramos o sonho, não é realização de desejo, não tem nada a ser decifrado, não há texto, há o horror, há irrupção de algo heterogêneo ao significante.

Ou seja, quando alguém é tomado de angústia em um pesadelo, é porque está em posição de objeto utilizado no gozo do Outro, consumido pelo gozo atribuído ao Outro.

o desejo do Outro

Quanto à angústia relativa ao desejo do Outro, Lacan dirá, em *O seminário – livro 11*: "A relação essencial da angústia é com o desejo do Outro", cuja aproximação se manifesta com a pergunta *Che vuoi?* [O que ele quer de mim?]. E quando, em *O seminário: A angústia*, fala sobre o gozo do Outro no pesadelo e diz que o que causa o pesadelo é estar em posição de objeto utilizado nesse gozo, consumido por esse gozo, poderíamos dizer, sem que importe muito quem ele é como sujeito, ele não fica só na definição do gozo do Outro, pois diz adiante:

Para introduzir-nos por esse viés maior, que nos trará a temática do pesadelo, a primeira coisa, em todo caso, que aparece, que aparece no mito, mas também na fenomenologia do pesadelo, do pesadelo que é vivido, é que este ser que pesa pelo seu gozo é também um ser questionador e mesmo, propriamente

[4] Íncubo: demônio masculino que, segundo a velha crença popular, vem pela noite copular com uma mulher, perturbando-lhe o sono e causando-lhe pesadelo. Súcubo: demônio feminino que, segundo a velha crença popular, vem pela noite copular com um homem, perturbando-lhe o sono e causando-lhe pesadelo.

[5] Lacan. *O seminário: A angústia (1962-1963)* (*op. cit.*: aula 5)

falando, que se manifesta, se desdobra, nessa dimensão completa, desenvolvida da questão como tal que se chama O ENIGMA.[6]

Vejamos o que nos diz o dicionário:

> Enigma: 1. Descrição obscura de alguma coisa para que seja difícil adivinhá-la ou decifrá-la (Édipo decifrou o enigma da Esfinge). 2. Aquilo que é difícil compreender. 3. Pessoa de comportamento caprichoso, arbitrário, imprevisível, misterioso, obscuro (O sorriso enigmático de Gioconda).[7]

Assim é o *Che vuoi?* do grafo, em que o que aparece além do gozo do Outro como inquietante é o enigma de seu desejo, que pede decifração, que se mostra obscuro, misterioso e pode ser arbitrário, imprevisível e caprichoso.

O lugar da angústia como traumática é o lugar em que surge o desejo do Outro como sou objeto causa desse desejo e me encontro à sua mercê, mas também ante essa falta que o desejo testemunha no Outro. Porque quando o sujeito é colocado em um deslizamento da cadeia significante como desejante, o que ele descobre é que o Outro também deseja, e portanto a ele também falta, S(Ⱥ), e a única resposta que dará será esta: o Outro é faltante! Essa constatação de que o Outro é desejante é predominantemente causa de angústia, porque o sujeito não sabe que objeto ele é para esse desejo.

Sabe-se que o desejo é articulado mas não articulável, que só a demanda é articulável, precisamente o enigma é o que se lê como o que sustenta a pergunta sem ser dita, por isso essa pergunta adquire seu caráter enigmático.

A posição do enigma, diz Lacan, é que ele está sob a forma de um significante que se propõe, ele próprio, como opaco. O que deve ser interrogado ai é uma experiência pré-subjetiva. Então ele caracteriza o enigma como o que não chega a fazer cadeia, não existe um segundo significante que o signifique. E aí temos esse caráter de perigo que podemos constatar naqueles que, antes de Édipo, encontraram a morte ao tentarem e não conseguirem resolver o enigma da esfinge, colocados que estavam diante de uma alternativa radical: decifra-me ou te devoro. Também diante do *Unheimlich*, essa posição na qual o sujeito está implicado, oprimido no mais íntimo de si mesmo por um estranho muito próximo, algo que já foi familiar se transforma em estranho e ameaçador.

Quando alguém tem a experiência do *Unheimlich*, está diante da angústia primordial, a do *Hilflösigkeit*, o desamparo. É essa a estrutura que o sinistro desmascara, trata-se de uma

[6] *Ibid.*

[7] Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa* (1986)

reação direta ante o desamparo experimentado diante do desejo do Outro, em que não há nenhum significante que venha em seu socorro, e sim a irrupção de algo heterogêneo a ele.

Essa irrupção nos permite dizer, com Lacan, que a angústia não é sem objeto. Em *O seminário – livro 4*, Lacan afirma que a angústia é sem objeto. É uma relação pura do sujeito com a falta de objeto. Mas, no seminário sobre a angústia, ele dirá que ela não é, como ele dizia antes, sem objeto.

Como pudemos acompanhar até aqui, todos os pontos em que vemos surgir a angústia coincidem não com a falta, mas com a presença de um objeto obscuro que não é bem-vindo, por trazer a vivência de um gozo estranho.

A falta falta no sinistro, no pesadelo, no enigma, na demanda imperiosa, enfim, em qualquer ponto em que o sujeito é arrebatado de suas respostas, construídas exatamente para não se haver com o que lhe é insuportável.

No grafo do desejo podemos localizar essas respostas:

I ($I(\not A)$), o sujeito identificado com o Ideal do Outro, em que o desejo de reconhecimento cobre a angústia, já que esta é a própria impossibilidade de suportar reconhecimento, pois culminaria no lugar do objeto. A questão em jogo não é que o Outro me reconheça, senão que o Outro me determina como objeto.

Em seguida, se seguimos o grafo, encontramos o EU, como i (a), "imagem que simboliza elegantemente o a"[8]. Sabemos que quanto mais o EU se elabora, mais longe e mais alienado está dessa referência primordial do Outro que vem a ser a própria condição de sua constituição, porque o EU como imagem do outro é a própria função de desconhecimento de sua causação. Por isso ninguém toca na imagem nem de si nem do Outro, todos querem respeitar a imagem para se defender do surgimento da angústia.

[8] Lacan. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)* (1992, p.350)

No sintoma, s(A), o sujeito não se enfrenta com a falta no Outro. Ele é um fato de criação de sentido, uma metáfora ou um aparato que implica defender o sujeito do a, ao inserir um significado para o Outro. Uma mediação entre o sujeito e o gozo, por intermédio da significação do Outro, s(A).

O fantasma é o "tampão" do desejo do Outro em que se inscreve a relação com a divisão do sujeito e o objeto a: $S \lozenge a$.

A angústia se produz quando o investimento do a volta a incidir sobre o sujeito.

Todas essas respostas têm, a seu modo, uma forma de desconhecimento da castração do Outro, $S(\not A)$, que é a verdadeira e insuportável resposta.

Há entre o sujeito e o real o campo do significante, mas o objeto a é a reserva última e irredutível de libido que causa

todo discurso, e todo discurso é pra mentir sobre isso cuja presença faz surgir o único afeto que não engana, a angústia.



referências bibliográficas

HOLANDA, Aurélio. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 4: A relação de objeto (1956-1957)*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário: A angústia (1962-1963)*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.

RABINOVICH, Diana. *La angustia y el deseo del outro*. Buenos Aires: Manantial, 1993.

resumo

O eixo deste texto são os pontos em que Lacan coloca a dimensão do Outro como produtora de angústia. Ao se servir do Outro para tentar falar do objeto *a*, a autora procura localizar também no Outro esse objeto, que como se sabe é heterogêneo e inassimilável à linguagem e cuja presença produz angústia.

abstract

In this piece of this text units in the points where Lacan places the dimension of te Other as the producer of anguish. When benefiting the Other to try to speak about de object "a", the authoress looks forward to find in the Other, this object, which is heterogeneous and unassimilated to the language, as known, and which presence / appearance generate anguish.